



CELLULOSE

-
-
-

9



9

A macro-região possui as duas maiores empresas produtoras de celulose branqueada do mundo: a Aracruz Celulose (ES), com 1,3 milhão de toneladas, e a Cenibra (MG), com 700 mil ton por ano.

Ambas exportam mais de 90% da sua produção. A área da Aracruz inclui 203.000 hectares de terras, dos quais 132.000 plantados e 56.000 de reservas naturais. A Cenibra possui em torno de 155 mil hectares. Elas possuem em parceria um porto próprio, Portocel, situado ao norte de Vitória.

O setor vive um dilema entre expansão e venda a empresas estrangeiras, evidente se observados o tamanho das empresas e sua estratégia de crescimento ou de sobrevivência a longo prazo. As empresas de papel e celulose são grandes no país, mas pequenas em escala internacional. Mesmo a Aracruz, maior fabricante de celulose a partir do eucalipto, não aparece entre os dez maiores produtores mundiais quando se levam em conta outras matérias-primas, como o pinheiro. As empresas brasileiras estão numa encruzilhada: ganhar escala internacional ou ser vendidas para empresas estrangeiras. Hoje, as empresas de papel e celulose são um caso raro no país: o setor é controlado principalmente por capital nacional e tem tecnologia, capacidade administrativa e matéria-prima para sobreviver no mercado internacional. No ano passado, as empresas brasileiras de papel e celulose faturaram por volta de US\$ 7,7 bilhões. Suas exportações atingiram perto de US\$ 2 bilhões. O que falta às companhias brasileiras é escala. No mundo inteiro, as fábricas estão se unindo em torno de grupos gigantescos

O setor de papel e celulose é um paradigma da necessidade de o Brasil aproveitar melhor seus potenciais em mercados globalizados. O Brasil está entre os 12 maiores produtores de papel e celulose do mundo, mas não há empresas nacionais entre os 50 maiores grupos mundiais. Nos últimos anos, esse setor passou, internacionalmente, por uma onda de fusões visando a ganhar escala. O capital nacional ainda tem força no setor, mas não resistirá por muito tempo a ofertas de compra do exterior se aqui também não houver um processo de fusões e associações que garantam às empresas nacionais escala suficiente para competir globalmente.

Foram várias as tentativas de reorganização do setor. Após a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, a Aracruz tentou negociar com a empresa a venda de sua parte na Bahia Sul e na Cenibra. Acreditava-se que a consolidação das três empresas acabaria acontecendo. Uma das soluções então imaginadas era a criação de uma holding pela Vale, integrando em uma só empresa as empresas de papel e celulose nas quais a Vale tinha participação acionária, para formar uma megaempresa.

Em 1999 foi adventada a criação de um grande grupo exportador, chamado ABC, resultado da união entre a Aracruz, a Bahia Sul e a Cenibra, para a criação de uma empresa gigante na área de papel e celulose. Uma sociedade entre as três lhes daria tamanho para competir com rivais de qualquer parte do mundo.

Em 2001, o VCP (pertencente ao Grupo Votorantim, uma das maiores empresas de celulose e papel na América Latina) comprou parte da Aracruz. Logo a seguir, um consórcio formado pela Aracruz e pelo VCP tentou adquirir o controle acionário da Cenibra. Mas o consórcio japonês JBP decidiu exercer o direito de preferência na compra da participação da CVRD na empresa, ficando com a totalidade das ações da Cenibra. Os japoneses vêem na empresa brasileira uma importante fonte de matérias-primas para sua própria indústria de papel e celulose. A entrada de empresas internacionais é um fator capaz de apressar o processo de reestruturação do setor, já que as companhias brasileiras vão procurar se posicionar para enfrentar a chegada de concorrentes externos de peso.





O Pólo de Celulose Minas Gerais, Espírito Santo, Sul da Bahia

Três grandes alterações no maior pólo regional de produção de celulose do Brasil devem influenciar a logística de exportação da produção ampliada, com eventuais impactos diretos ou indiretos nos portos de Barra do Riacho e Vitória:

A CVRD vendeu suas participações na Bahia Sul (315 mil e 210 mil toneladas/ano de celulose e papel, respectivamente), Cenibra (800 mil toneladas/ano de celulose, devendo em breve atingir 1 milhão) e Florestas Rio Doce.

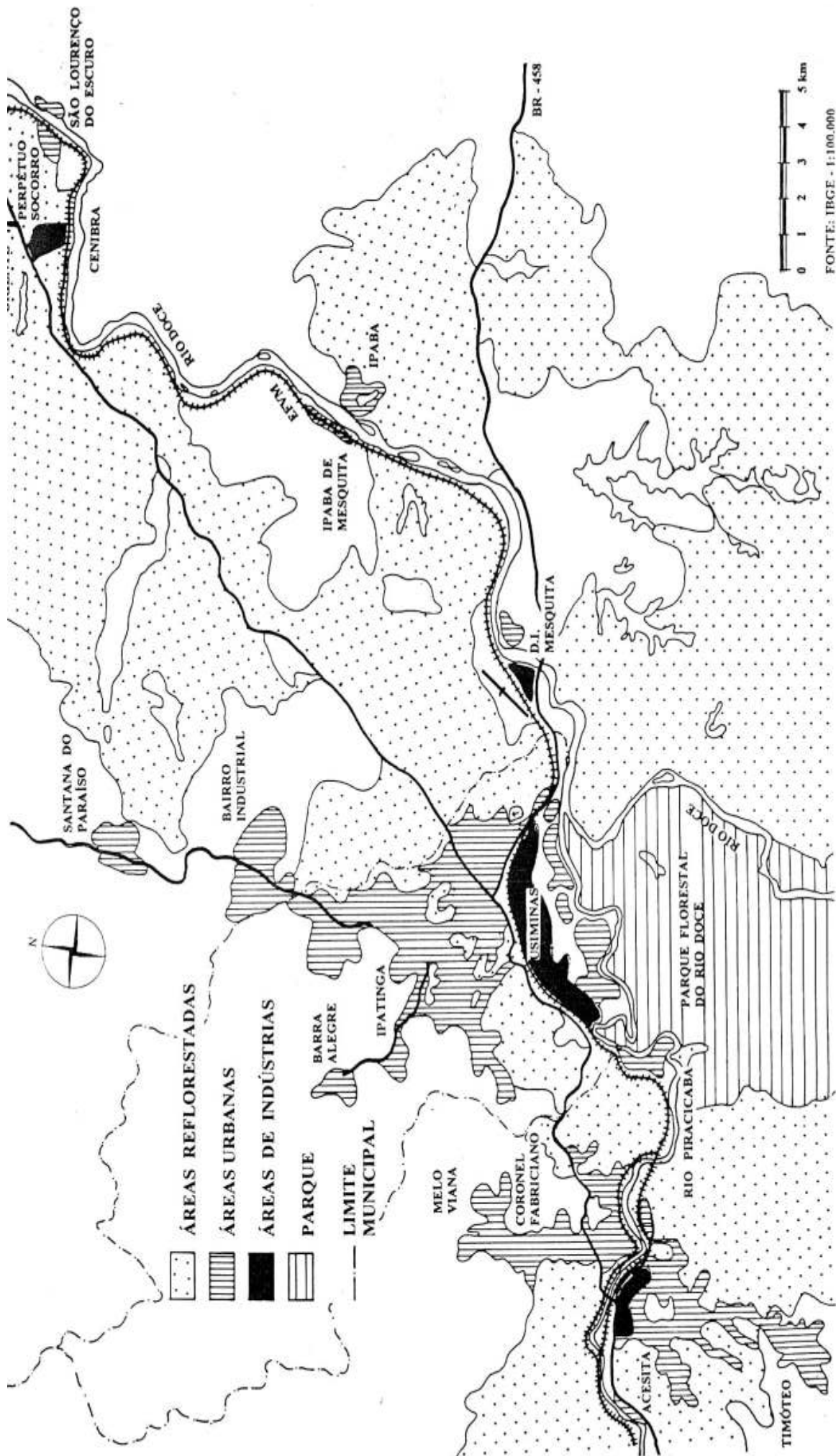
A Aracruz Celulose já começou as obras da sua terceira fábrica, com investimentos de US\$ 840 milhões nessa nova linha de produção, terras e florestas, o que elevará a capacidade de 1.240 mil toneladas/ano para 2 milhões de toneladas/ano, com a utilização de barcaças para o transporte do eucalipto do Sul da Bahia.

A Aracruz Celulose adquiriu participação acionária de 45% do capital social da Veracel Celulose S.A, tornando-se parceira da Stora Enso (45%), multinacional escandinava, e da Odebrecht (10%). A empresa adquiriu também cerca de 3,5 milhões de metros cúbicos de madeira das plantações de eucalipto da Veracel, a serem fornecidas no período de 2002 a 2004. A implantação do projeto industrial da Veracel, em Eunápolis, com capacidade de produção de 750 mil toneladas/ano está programado para 2002, a depender das condições do mercado internacional de celulose, com início de produção previsto para 2005.

A devida avaliação dos impactos desse redesenho patrimonial no pólo de celulose, provocado pela venda das participações da Vale no setor, depende ainda da análise das estratégias de cada empresa e suas eventuais sinergias, sobretudo na logística de transporte. A produção total do pólo, a partir de 2005, deverá ser expandida em 2 milhões de toneladas/ano, com grandes repercussões na logística portuária.

Vale do Aço

Uso do Solo



CENIBRA

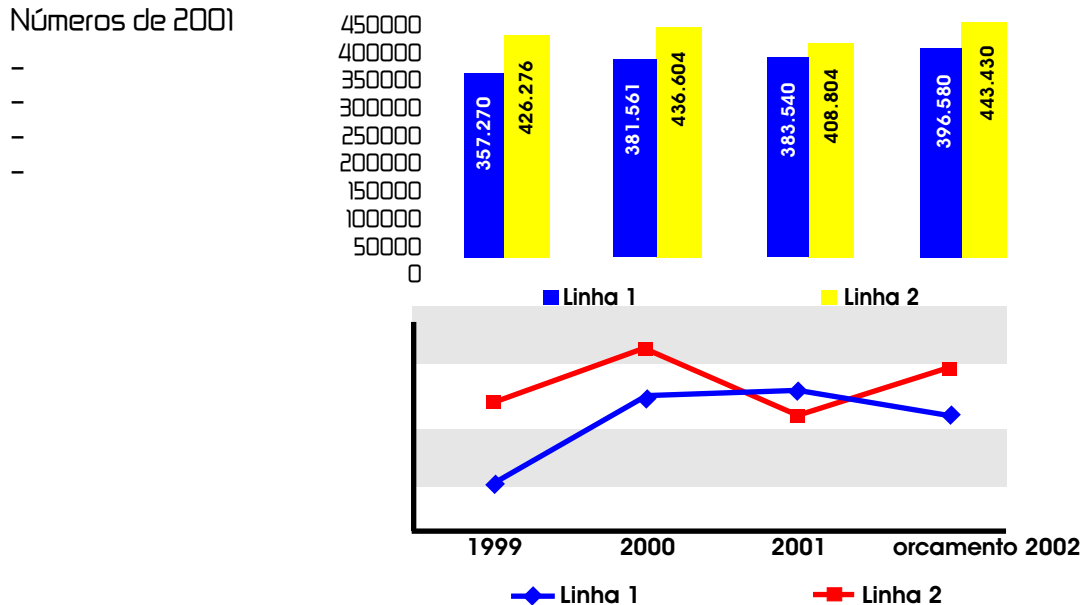
139



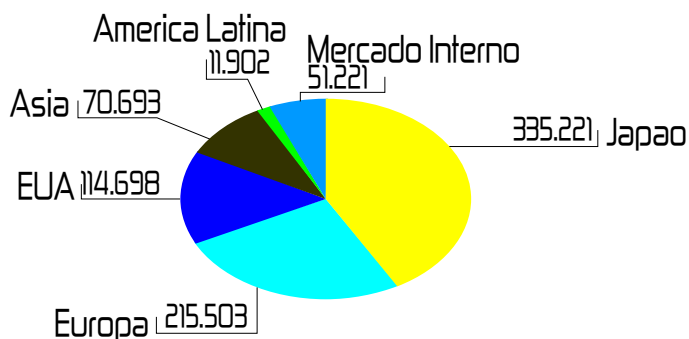
Fundada em 1973, a Cenibra (Celulose Nipo Brasileira S/A) emprega 1,7 mil funcionários diretos e outros 3,5 mil indiretos. Ela resultou de um empreendimento da Cia. Vale do Rio Doce em associação com um grupo de empresas japonesas. Em 2001, o consórcio japonês JPB adquiriu o controle acionário da empresa.

A implantação da Cenibra, no município de Belo Oriente, constitui um fato gerador de grande dinamismo regional, do ponto de vista da produção do espaço e da distribuição da população. Nova frente de expansão industrial do Vale do Aço, ela faz surgir novas formas de urbanização na região, condicionando a dinâmica espacial e demográfica de sua área de influência.

Números de 2001



VENDAS (em tsa)





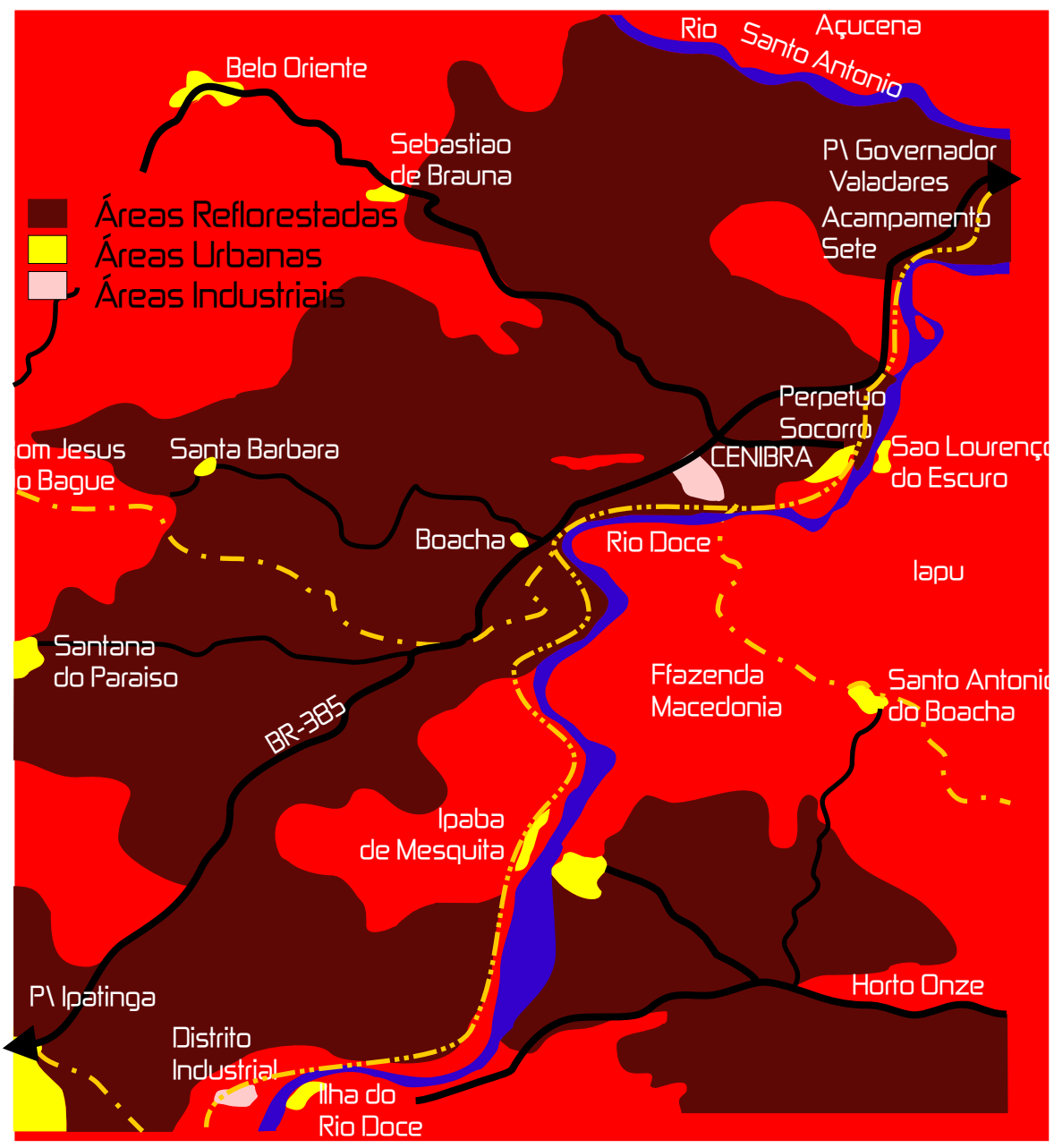
140

A Cenibra vem se tornando uma grande proprietária de terras, em torno de 155 mil hectares (1993), distribuídos por 38 municípios de Minas Gerais. Uma concentração fundiária, agravada pelo fato de outras empresas também deterem um volume considerável de terras na região, que determinaria a configuração desse território.

Essa ocupação extensa e dispersa do espaço se reproduz também nas relações da Cenibra com sua força de trabalho. A produção contemporânea de celulose, "flexível", implica uma maior desconcentração espacial da indústria. Em vez de construir núcleos residenciais, como fazia a siderurgia, a implantação da Cenibra reforça a segmentação territorial, optando por desenvolver um eficiente sistema de transporte que abarca todo o entorno.

Localização Cenibra

-
-
-
-





Santana do Paraíso

-
-
-
-

O novo padrão de urbanização decorrente deste tipo de abordagem moderna e flexível com relação à força de trabalho tem profundas conseqüências em termos sócio-ambientais. A partir da garantia de acessibilidade e deslocamento, surgem periferias que se expandem em função da empresa e sobre as quais ela formalmente não tem qualquer responsabilidade. Um processo de urbanização crescentemente multifacetado, para além das grandes aglomerações urbanas. **Uma nova organização territorial, associada a uma forma mais flexível de organização da produção.**

Heloísa Soares de Moura Costa, Vale do Aço: da Produção da Cidade Moderna sob a Grande Indústria à Diversificação do Meio-Ambiente Urbano, Cedeplar/UFMG, 1995.

Belo Oriente

-
-
-



Área de Atuação da Cenibra
Zonas Geográficas

-
-
-

◻ ÁREA DE ATUAÇÃO DA CENIBRA



Fonte: Cenibra.

142





MOVIMENTO ACIONÁRIO



Movimentos do Setor de Mineração /
Siderurgia e Celulose



1921

— — — —

Fundação da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. A empresa é resultado do aporte de capitais estrangeiros pela Arbed (Luxemburgo). Adquire a mineradora Samitri (1952).

1942

— — — —

Criação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). É dona da estrada de ferro Vitória-Minas.

1944

— — — —

Criação da Acesita (Companhia Aços Especiais Itabira), única produtora latino-americana de aço inox.

1957

— — — —

Construção da Usiminas, em associação com a Nippon Steel Corporation.

1972

— — — —

Fundação da Aracruz Celulose S/A. Participação acionária: Souza Cruz, Lorentzen, Safra e BNDES.

1973

— — — —

Criação da Siderbrás __ empresa-mãe (holding) de todas as empresas estatais do setor siderúrgico nacional. Fundação da Samarco Mineração S.A., controlada pela Belgo-Mineira.

Fundação da Cenibra (Celulose Nipo Brasileira S/A). A CVRD (51%) associou-se a um grupo de empresas japonesas (consórcio JPB) para construir o empreendimento.

1983

— — — —

Implantação da CST (Companhia Siderúrgica de Tubarão), em associação com a Kawasaki Steel.

1986

— — — —

Construção da Açominas (Aço Minas Gerais).

1991

.....

Programa Nacional de Desestatização, criado pelo BNDES. A Previ (fundos de pensão dos funcionários do Banco do Brasil) é uma das maiores compradoras do programa de privatização.

Privatização da Usiminas. A CVRD, Previ e outros investidores (Bradesco, Camargo Correa, Votorantim) adquirem o controle. Participação da Nippon Steel (Unigal).
Presidente: Rinaldo Campos Soares.

A CVRD entra no setor siderúrgico por conta de crédito junto à extinta Siderbrás, utilizado nos leilões de privatização, além de deter participação acionária em empresas de celulose, como a Cenibra.

O Bozano Simonsen coordena o grupo que arrematou a Usiminas e compra parte do capital da siderúrgica, da CST e da Cosipa (Companhia Siderúrgica Paulista).

Presidente: Júlio Bozano.

1992

.....

Privatização da Acesita. Os bancos Safra, Real e Bancesa se associam a fundos de pensão de empresas estatais para adquirir 40% do que o BNDES tinha na empresa.
Presidente: Wilson Brumer, ex-presidente da Vale.

Privatização da CST. O controle acionário é adquirido pelo Banco Bozano Simonsen, Unibanco e a estatal CVRD.

1993

.....

Um consórcio formado pelos grupos Vicunha, Bamerindus, Cia.Vale do Rio Doce, Emesa e empregados da empresa assume o controle da siderúrgica CSN (Companhia Siderúrgica Nacional).

O grupo têxtil Vicunha compra quase 10% das ações da CSN. Um dos principais executivos da Vicunha, Benjamin Steinbruch domina o Conselho de Administração da CSN e começa a preparar o caminho para arrematar a Cia.Vale do Rio Doce. Em 1996 o Bamerindus vende sua participação na CSN para a Vicunha.

Usiminas controla a Cosipa.

A CVRD passa a ter participação na CST, CSN e Usiminas, empresas consumidoras do minério de ferro produzido pela empresa.

A Siderúrgica Mendes Júnior e outros investidores assumem o controle da Açominas.

O controle da Cosipa é vendido à Anquila Participações e à Brastubos.

1995

.....

A Siderúrgica Mendes Júnior perde controle da Açominas. O CEA (Clube dos Empregados da Açominas) passa a ser o maior acionário.

A Belgo Mineira assume o controle das operações da Mendes Júnior.

1996

.....

A Camargo Corrêa ingressa na Usiminas, Bozano Simonsen se retira da siderúrgica. A Acesita fecha acordo com a Kawasaki Steel e com a CVRD para, juntas, assumirem o controle da CST.

Governo impede a Previ de tentar comprar o controle acionário da Acesita, o que resultaria no controle de mais três siderúrgicas __ a CST, a Cosipa e a Usiminas.

Tentativa de fusão: a Acesita tenta adquirir o controle da CST, da Usiminas, da Cosipa e da Açominas. Proposta feita ao Bozano, Simonsen e ao Unibanco.

A Souza Cruz vende ao grupo sul-africano Anglo American sua participação

Privatização da CVRD. O consórcio Brasil, liderado pela CSN é o novo acionista controlador. Participantes: Litel Participações (fundos de pensão/ Previ); Eletron S/A (banco Opportunity); e Sweet River (Nations Bank). Embate com o consórcio Valecom (liderado pelo grupo Votorantim, com a multinacional sul-africana de mineração Anglo American e a Nippon Steel). O negócio foi intermediado pelo Merrill Lynch.

A CVRD possui parte do capital da CST, da Açominas e da Usiminas. O Previ, fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, possui participação na CSN, Usiminas, Acesita e Belgo.

O Previ firma posição a favor dos bancos Opportunity e Liberal contra o projeto de Steinbruch de associar a Vale à CSN, para que, juntas, comprassem a siderúrgica venezuelana Sidor.

Por intermédio da CVRD, a CSN passa a ter assento no conselho da Usiminas, CST e Açominas.

A Belgo Mineira tenta comprar as siderúrgicas Mendes Júnior e Açominas.

Os grupos Gerdau e NatSteel (Singapura) assumem o controle da siderúrgica Açominas.

A Aracruz tenta negociar com a CVRD a venda de sua parte na Cenibra. A CSN propõe integrar em uma só empresa a Bahia Sul e a Cenibra, nas quais a CVRD tem participação acionária, para formar uma megaempresa.

O setor está dividido em seis grandes grupos: CSN ; Usiminas/Cosipa; Belgo-Mineira/Mendes Júnior; Gerdau/Açominas; Acesita/Villares; e CST. BNDES defende uma reestruturação que resulte em no máximo três grupos.

A CVRD compra a Escelsa, Espírito Santo Centrais Elétricas S/A.

Disputa pela Acesita. Os candidatos são: Usiminas, a francesa Usinor e a alemã Krupp Thyssen.

Steinbruch, presidente da CSN e da CVRD, tenta comprar a Acesita, visando a CST. Consegue um acordo com o grupo siderúrgico Arbed, da Bélgica, que aceita tornar-se sócio da Vicunha.

O grupo francês Usinor compra participação / controle no capital da Acesita e no da CST, vai concorrer diretamente com a CSN e a Usiminas. Presidente: Jean-Yves Gilet.

A CSN anuncia projeto com o grupo alemão Krupp-Thyssen, para disputar o mesmo mercado de produtos para as montadoras com os franceses.

A CVRD ganha um novo sócio, o Bradesco.

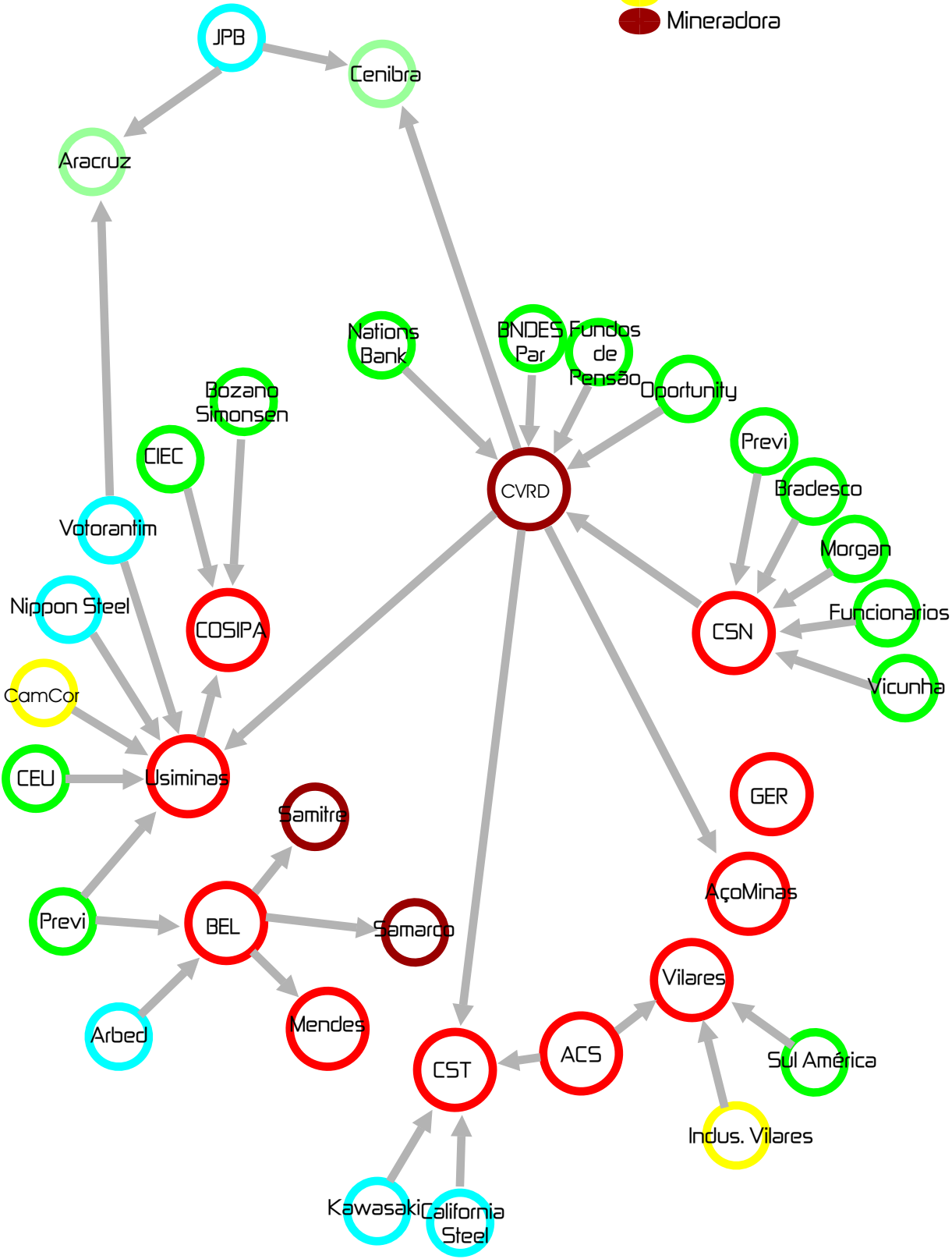
A Usiminas compra parte da siderúrgica Sidor (Venezuela).

Steinbruch aceita vender a participação da Vicunha na CSN. Pelo menos duas grandes siderúrgicas, a brasileira Gerdau e a Thyssen alemã, já discutiram o assunto com o empresário.

O BNDES decide financiar a operação de descruzamento de participações entre a CVRD e a CSN. Pelo descruzamento, a CSN vende para os grupos Previ e Bradesco sua participação na Vale e os dois grupos vendem ao grupo Vicunha suas participações na CSN. Jório Dauster (do Bradesco) assume a presidência do Conselho de Administração da CVRD, em lugar de Steinbruch (que preside a CSN). Usiminas aceita discutir fusão com CSN, união das duas mais a Cosipa resultaria em uma empresa competitiva no mercado mundial de aço.

Diagrama
Movimento Acionário - 1998

- Siderurgia
- Capital
- Players Internacionais
- Industria Nacional
- Mineradora



2000

I I I I

A CVRD aceita vender suas participações acionárias nas siderúrgicas CSN, Açominas e Usiminas. A empresa só considera estratégico manter as ações da CST. O Grupo Arbed, controlador da Belgo-Mineira, tenta adquirir participação no capital da CSN, mas desiste por causa do acordo entre essa empresa e a Vale, com o descruzamento das ações.

A CVRD compra a Samitri e a Samarco Mineração, que eram controladas pela Arbed (Belgo-Mineira), e a Caemi. Junto dos ativos de ferro da Caemi, a Vale adquire 34% da MRS Logística. Houve duas propostas: a da CVRD e a da empresa australiana BHP.

A CVRD anuncia a compra de uma das maiores usinas de pelotização de minério de ferro do mundo, localizada em Bahrein (Oriente Médio).

Há a hipótese de CST - Acesita se integrar com a Usiminas-Cosipa, formando o maior grupo siderúrgico do país.

O Bradesco propõe reestruturação dos negócios de papel e celulose da CVRD: criação de um grande grupo exportador: ABC, resultado da união entre a Aracruz, a Bahia Sul e a Cenibra.

2001

I I I I

A CVRD conclui parceria comercial e societária com a Shanghai Baosteel Group Corporation, maior usina siderúrgica da China.

A CVRD vende as participações em áreas fora do seu foco. No setor de papel e celulose, vendeu a Cenibra (para o consórcio japonês JBP). No ramo de siderurgia, concluiu o descruzamento de participações com a CSN e vendeu a Açominas para a Gerdau. A CVRD ainda detém fatias na Usiminas e na CST. Roger Agnelli assume a presidência da empresa.

A mineradora britânica Billiton Plc adquire uma participação de 2,1% na Vale. Megagrupo siderúrgico europeu Arcelor (resultado da fusão de Usinor, Arbed e Aceloria). É dono da Belgo-Mineira, Acesita (com a Previ) e CST (com a Kawasaki e a Vale). Elas unificarão suas estratégias, mas serão mantidas como unidades separadas. Novo presidente da Acesita: Luís Aníbal Lima Fernandes.

O consórcio formado por Aracruz e VCP (Votorantim Papel e Celulose) vence o leilão de venda do controle acionário da Cenibra, que pertencia à CVRD. Mas o consórcio japonês JPB decide exercer o direito de preferência na compra da participação da Vale, passando a ter 100% das ações da Cenibra.

A VCP (Votorantim Papel e Celulose) compra parte (28%) da Aracruz.

Governo incentiva a aquisição da CSN pelo grupo Gerdau. O grupo alemão ThyssenKrupp aparece como um grande interessado em levar a CSN.

A CSN e a anglo-holandesa Corus fecham um acordo para a fusão de suas atividades, que deve ser aprovado pelo BNDES.

A mineradora Anglo American estaria interessada numa fusão com a CVRD. Negociações entre a Usiminas-Cosipa, cujo maior sócio controlador é a japonesa Nippon Steel, e a CST (grupo europeu Acelor), com participação da Vale. A CVRD nega que tenha planos de tornar-se uma holding siderúrgica, em parceria com a Usiminas e a CST.

Siderúrgica Vega do Sul (previsão 2003), associação Usinor (75%) e CST (25%). O grupo Gerdau compra as ações da siderúrgica Açominas que pertenciam ao conglomerado Natsteel, de Cingapura.

2002

I I I I

Projeções
Controle Acionário

- Siderurgia
- Capital
- Players Internacionais
- Industria Nacional
- Mineradora

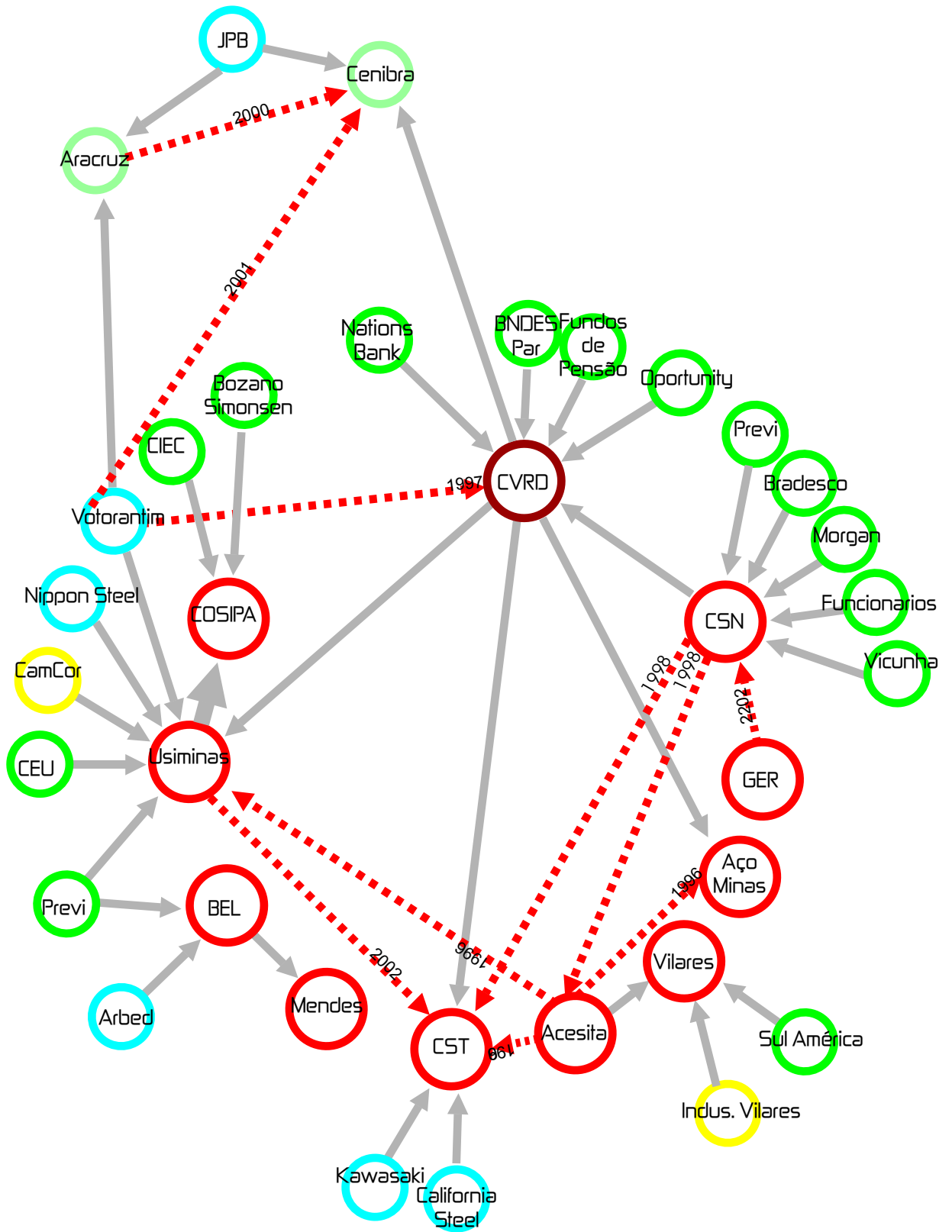
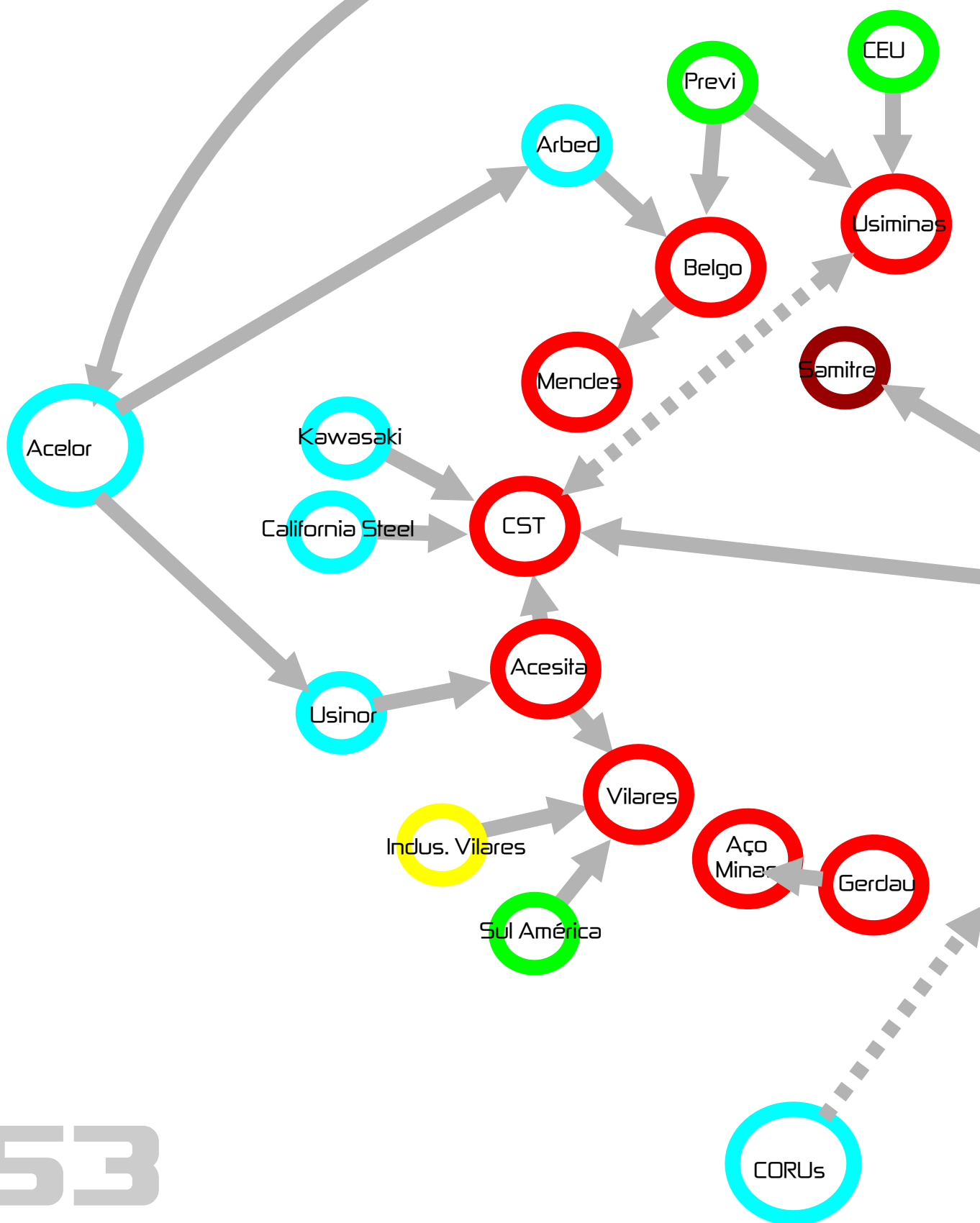


Diagrama
Movimento Acionário _ 2002

-
-
-
-



- Siderurgia
- Capital
- Players Internacionais
- Industria Nacional
- Mineradora

